

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES SÃO PAULO
ARQUITETURA E URBANISMO

Orientando: Vinicius Pereira Mercante Magalhães e Silva

Orientadora: Prof.a Dra. Débora Sanches

O morar coletivo
Passado, Presente e Futuro

São Paulo
2019

RESUMO

A partir da reflexão sobre os espaços compartilhados nos ambientes corporativos contemporâneos, que estão em crescente ascensão na atualidade, este artigo faz uma ponderação sobre as formas de habitação coletiva no passado, presente e futuro. A partir da pesquisa bibliográfica e resgate sobre os Falanstérios, Cortiços e Colivings, assim, a pesquisa inicia com o resgate prévio da história e características dos Falanstérios, de Charles Fourier; dos cortiços da cidade de São Paulo e do movimento dos Colivings. Partindo de um comparativo entre as formas de morar coletivamente apresentadas, este trabalho também se propõe a trazer uma sugestão que talvez esteja regada de certa utopia para a melhoria para dos Cortiços, que se observaram ser o tipo de moradia coletiva que mais necessita de atenção e de políticas públicas ativas para com seus moradores.

Palavras Chave: Colivings, Cortiços, Falanstérios, Morar coletivo, Habitação Coletiva;

ABSTRACT

Starting from the reflection on the shared spaces in the contemporary corporate environments, which are currently increasing, this article considers the forms of

collective housing in the past, present and future. From the bibliographic research and rescue about the Phalanstery, Tenements and Colivings, the research begins with the previous rescue of the history and characteristics of the Phalansteries, by Charles Fourier; from the Tenements of the city of São Paulo and the Colivings movement. Starting from a comparison between the ways of living collectively presented, this work also proposes to bring a suggestion that may be watered with a certain utopia for the improvement of the Tenements, which were observed to be the type of collective housing that needs attention and active public policy towards its residents.

Keywords: Colivings, Tenements, Phalanxes, Collective Housing;

INTRODUÇÃO

O ser humano, como espécie, desde seus primórdios tem como cultura e prática o compartilhamento. *Homo Sapiens*, classificação utilizada para discriminar a raça humana, taxonomicamente falando, significa “**homem que sabe, ou homem sábio**”. Presume-se que em torno de 300 mil anos atrás, no leste africano, nossa espécie começa a se desenvolver e suas principais características são a de criar complexos sistemas de comunicação, criação de estruturas sociais e por fim, sua capacidade de raciocinar com premissas de “lógica”.

Como a maioria dos primatas, o homo sapiens tem como característica serem sociáveis se utilizando como meios de comunicação, gestos, escrita e sons (verbal). Os seres humanos no decorrer da história criaram diversas e complexas estruturas sociais onde as interações compartilhadas eram baseadas em rituais, normas sociais, tradições, leis, valores e afins. Com um apreço pela estética e beleza, o homo sapiens se expressa também pela arte, música e escrita com uma curiosidade assídua por compreender, explicar e manipular todos os fenômenos que acontecem ao seu redor, conquistando assim o domínio pelo fogo, descobertas das propriedades dos materiais, a ordem e a lógica dos acontecimentos e compartilhando todo este conhecimento adquirido em reflexo da sua curiosidade, pelas gerações, até chegar aos dias de hoje.

O ato de compartilhar está intrínseco em nossa espécie. Compartilhamos momentos, histórias, curiosidades, conhecimentos, regras, normas, leis, valores, músicas, literatura, linguagem e por fim, espaços. Desde a pré história vimos o compartilhamento de espaços acontecendo, como por exemplo cavernas, tendas

feitas de madeira e pele de animais, nos pequenos vilarejos criados pelo homem que estava desenvolvendo habilidades de agricultura, dividindo latrinas¹, casas de banho, e até as próprias casas onde muitas vezes poderiam viver diversas famílias em um mesmo espaço. As casas e vilarejos em sua grande maioria na antiguidade eram voltadas a uma praça central, templos ou pontos de organização político-militar foram ambientes amplamente compartilhados no decorrer da história. Se compartilharam também teatros, arenas voltadas a jogos desportivos e áreas comerciais.

O desenvolvimento humano e suas descobertas fizeram com que nossa espécie buscasse o compartilhamento que hoje ocorre não mais somente no mundo real com o compartilhamento da cidade, das ruas, praças, espaços públicos, teatros, cinemas e shoppings, quanto também no mundo virtual, compartilhando momentos, informações, dados, pesquisas e conhecimento em escala global. Por fim, compartilhamos também espaços privados, compartilhamento este que não é novo em nossa história.

Desta forma, apresenta-se nesta pesquisa o espaço compartilhado em três formas de morar – Falanstérios, Cortiços e *Colivings* – constituídos em tempos diferentes.

1. **Falanstério**

Charles Fourier² propõe um modo de se viver/ morar coletivamente. Em sua proposta seriam criadas pequenas unidades sociais em torno com 1620 indivíduos vivendo coletivamente com direitos e responsabilidades iguais. Estas unidades sociais são chamadas em sua obra de *falanstérios* ou *falanges*. Para Fourier e sua teoria, a relação monogâmica e relações sociais rudimentares não são o ideal de sociedade, para tanto, ele propõe que o falanstério tenha por conceito e proposta do espaço, muitos espaços de compartilhamento e socialização, inclusive o de refeições. Acontecer uma ruptura com a monogamia e sistemas sociais praticados até então era uma premissa para que este ideal de se morar se estabelecesse. (BARROS, 2010)

¹ Banheiros públicos e compartilhados no Império Romano;

² Charles Fourier (1772-1837) foi um filósofo francês que foi o pai do cooperativismo. Socialista e um crítico ao capitalismo, Fourier propôs um modelo de viver no coletivamente chamado *falange* ou *falanstério*.

Em meados do século XIX a sociedade passou por um período onde filósofos e pensadores da época criaram aquilo que hoje chamamos de “socialismo utópico”³. Em uma Europa que tinha recém visto o fracasso prático do lema “*Igualdade, Liberdade e Fraternidade*” da Revolução Francesa⁴, sendo substituído por temas práticos da industrialização⁵ que acabam por provocar um aumento populacional em grandes centros urbanos e por consequência, novas necessidades sociais e também um crescente número de pessoas vivendo em situação de miséria, que surgem os ditos “socialistas utópicos”. Charles Fourier então passa a descrever seu modelo de sociedade com base em um anseio pela igualdade social. Ele pretende uma sociedade justa e igualitária baseada na coletividade. (BARROS, 2010)

Conforme Barros diz em seu texto “*Os falanstérios e a crítica da sociedade industrial: revisitando Charles Fourier*”, na obra “*Teoria dos Quatro Movimentos*”, Fourier especifica que em um falanstério devem habitar uma população composta de 810 homens e 810 mulheres respectivamente, totalizando uma população ideal de 1620 pessoas⁶. O espaço promoveria as interações sociais, fazendo inclusive do espaço de refeições por exemplo, um espaço coletivo. Para Fourier, dentro dos falanstérios seria cultivada a cultura da poligamia, pois de acordo com ele, a cultura do casamento monogâmico era um dos principais impeditivos para se constituir uma sociedade realmente livre. Fourier indicava que dentro dos falanstérios não existiriam pessoas improdutivas, pois ele também modifica o modo de se trabalhar dentro da sua unidade social, de modo que as pessoas não exercessem atividades das quais elas não tivessem vocação ou vontade, logo se trabalharia apenas com aquilo que se tem prazer e por consequência haveria um aumento de produtividade automático. No aspecto violência, esta não teria lugar dentro de um falanstério. Quanto às diferenças sociais dentro de um falanstério, para Fourier, elas existiriam, porém, a forma de pagamento por uma atividade se daria em resposta a qualidade do serviço ou produto

³ Conforme José D’Assunção Barros, o termo “*Socialismo Utópico*” é uma crítica feita por Karl Marx e Friedrich Engels, fundadores do marxismo, que propunham o dito “*Socialismo Científico*”. Para eles, os “*socialistas utópicos*” descrevem seus modelos de sociedade ideal sem indicar o modo de se praticá-la.

⁴ Revolução Francesa (1789 – 1799) foi a queda da monarquia para a instauração do sistema político chamado “República”.

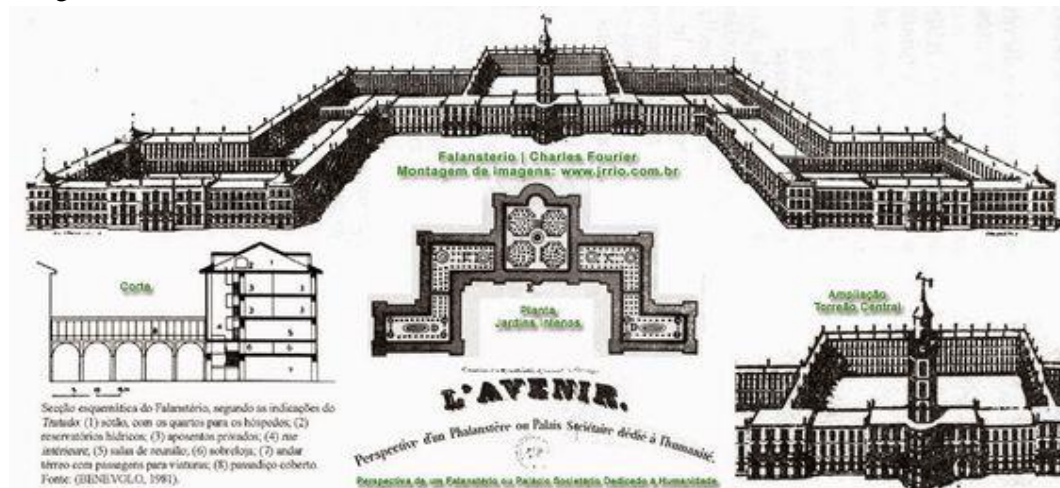
⁵ Revolução industrial (1760 – 1840) foi o período de transição do trabalho do homem, para a máquina, modificando assim os processos de manufatura e as relações da sociedade da época.

⁶ Este número é baseado na *Teoria dos quatro movimentos*, em que Fourier discorre sobre treze paixões que impulsionariam os seres humanos. Sendo assim, seria um número para dar a oportunidade de encontrar uma companhia complementar.

recebido, trazendo assim, uma unidade de justiça relacionada ao trabalho e remuneração, de qualquer modo, as atividades exercidas teriam a flexibilidade de mudanças, ou seja, nem sempre o indivíduo necessitaria exercer a mesma função dentro daquele núcleo social. O Falanstério seria arquitetonicamente para Fourier:

[...] um palácio de muitas alas – um verdadeiro “turbilhão” paradisíaco, para nos colocarmos diante da etimologia buscada por esta designação – e compreenderia galerias envidraçadas, pátios internos, jardins, galpões, salas comunais, oficinas, hospedarias, áreas lúdicas que incluiriam um Teatro, e até mesmo uma Igreja, uma vez que Fourier atrela seu projeto a um novo tipo de Cristianismo pronto a asseverar que a satisfação de todas as paixões seria recomendável, já que “todas viriam de Deus”¹⁶. As alas do Falanstério também teriam apartamentos de preços diferentes (20 tipos de preço), mas o número máximo de peças que poderiam ser possuídas por um habitante do Falanstério seria três. Deste modo, ainda que não se mostre a ambição de realizar a Igualdade plena, existiriam medidas evitando a concentração de propriedade, da mesma forma que a economia do Falanstério – essencialmente baseada na agricultura, mas também incluindo manufaturas – asseguraria a todos o uso das áreas de cultivo e de outros tipos de trabalhos. (BARROS, 2011. p. 251).

Imagem 1 – Falanstério



Fonte: Blogspot de Fransico Acuyo, matéria – “Las Utopia Maquetas: Planificación Urbana Geométrica, Segunda Entrega, Por El Professor Tomás Moreno”⁷, 2014.

Em suma, para Fourier o morar coletivo estava baseada em uma sociedade complexa e totalmente nova, ignorando todos os parâmetros atuais e da época. Os espaços compartilhados em um falanstério seriam basicamente todos, partindo da premissa

⁷ Fonte Disponível em <http://franciscoacuyo.blogspot.com/2014/12/las-utopia-maquetas-planificacion.html>. Acesso em 24 de agosto de 2019.

que esta sociedade viveria com um espírito comunitário intenso. Em sua utopia ele chega a separar pequenas partes privadas de áreas comuns, porém, se limitando ao privado o dormitório, para que todo o resto fosse realizados em comunidade. Para concluir, podemos dizer que em um falanstério teríamos apenas o dormitório como elemento privativo, deixando ao coletivo todas as outras atividades (alimentação, estar, biblioteca, atelier, escritórios, entre outros).

2. Cortiços

As abelhas são uma espécie que por natureza vivem e trabalham juntas. A denominação de cortiço para a chamada habitação precária de aluguel se deu, pois, cortiço é o nome para o coletivo de abelhas, que vivem juntas em alvéolos iguais e compactos. (Aurélio Ferreira, 1975) Porém, estas duas não são as únicas formas de se denominar a este espaço, também pode ser chamado de “*cabeça de porco*”, casa de cômodos, quintalão, pensão, “*maloca*”, “*mocó*”, “*caloji*”, estância, “*quadro*”, “*zungu*”, “*casa de malta*” (VÉRAS, 2016). Apesar de muitos nomes seus ocupantes são os mesmos, uma população segregada e pauperizada.

[...] *caráter coletivo* de utilização de um endereço, de um lote, de uma edificação a indicar que tais moradores não dispõem de renda suficiente para o usufruto de uma unidade habitacional completa, cabendo-lhes a subdivisão de uma casa, de um lote, da ocupação em subunidades dentro de um domicílio, sendo que cada subunidade é ocupada por uma família, muitas vezes bastante numerosa. [...] (VÉRAS, 2016. p.112)

Os cortiços se originaram em decorrência da história do centro urbano. São Paulo sofreu uma grande migração populacional (cerca de vinte vezes seu tamanho) entre 1890 e 1940⁸ em resposta ao impulsionamento da indústria do café, isto resultou em uma expansão do centro da cidade, concentrando nele as oportunidades e o foco das instalações de infraestrutura. O contraste social se mostrou expressivo neste período pois com o crescimento populacional e a defasagem de infraestrutura urbana, cria-se, pela necessidade de morar em locais próximos às oportunidades que estavam surgindo, o modelo de moradia em questão, os cortiços.

⁸ População em São Paulo em 1890 era de 64.934 (sessenta e quatro mil novecentos e trinta e quatro) habitantes, já em 1940 era de 1.326.261 (um milhão trezentos e vinte e seis mil duzentos e sessenta e um) habitantes. (Censos Demográficos IBGE)

Um resumo quantitativo do crescimento populacional em cortiços na cidade de São Paulo diz que em 1906, com uma população da cidade girando em torno de trezentos e setenta mil habitantes, tínhamos destes, cento e vinte e três mil habitantes morando em cortiços, o que representa 33% de toda a população da cidade, já em 2015, com uma população de onze milhões e quinhentos mil habitantes, apresentamos uma quantidade de um milhão de moradores em cortiços, representando 9% do total. (KOWARICK, 2016)

Apesar de ter havido uma diminuição de percentagem geral de moradores, seu número é ainda muito expressivo. Além dos fatores históricos da cidade, existe uma parcela de imigrantes ilegais que não tem outra opção, por falta de documentação e renda, se não a informal de moradia, o que também é um ponto para se considerar ao falarmos da população dos cortiços na cidade de São Paulo.

Logo, o surgimento dos cortiços veio da simples necessidade de morar, e, se perpetua com suas características físicas até hoje. Seu surgimento é consequência de uma desigualdade social e econômica que implica em um contraste entre interesses mercadológicos sobre a área (terreno), e o direito de morar, onde, de um lado é valorizado o lucro sobre o metro quadrado da região central, e do outro, o direito da população de viver em uma localização centralizada. Esta questão chega a tal ponto que, proporcionalmente, o metro quadrado de locação cobrado em um cortiço é um dos mais caros da cidade.

O estudo de Kohara (1999) sobre o rendimento obtido nas locações e sublocações de cortiços localizados no bairro da Luz [...] apontou a grande exploração que se dá em tal mercado de locação [...]. Neste perímetro [...] o valor médio de locação de R\$13,20 por m², que representava mais que o dobro quando comparada a moradias unifamiliares do Centro com boas condições de habitabilidade. Enquanto o aluguel de casas, na área da pesquisa estava em torno de R\$7,40 por m², o de escritórios no centro da cidade atingia, no máximo, R\$12,00 por m², havia escritórios na avenida Faria Lima, alugados a R\$14,20 por m². [...] O mais grave é que o percentual do rendimento crescia quanto maior fosse a precariedade do cortiço. É compreensível que os encortiçados, pelo baixo poder aquisitivo e impossibilidade de cumprir as exigências do mercado formal, acabem se submetendo às explorações que ferem a dignidade da pessoa e a cidadania. (KOHARA, 2016. p.148).

Cortiços são ambientes insalubres, com baixíssima infraestrutura, muitas vezes sem ventilação natural, sem privacidade, superpopulosos e muito pequenos. Sua comparação com moradias localizadas na periferia de São Paulo, ou favelas é algo corriqueiro para seus moradores, porém o centro da cidade proporciona mais facilidade de transporte, menor tempo para chegar no trabalho, onde se tratando de localizações periféricas pode muitas vezes chegar a mais de quatro horas de trajeto, e muito mais oportunidades de trabalho seja ele formal ou informal. Também tem a questão de que as moradias periféricas da cidade por muitas vezes são envoltas a lamaçais e falta de infraestrutura básica como o saneamento, tendo esgotos a céu aberto como um dos cenários do dia a dia, sem contar com o medo que esta população sente, tanto pela violência de bandidos quanto por atitudes truculentas da polícia. Por fim, o centro se torna mais atrativo pois, além de as oportunidades estarem mais concentradas nele, prefere-se a fila nos banheiros, a falta de privacidade e a promiscuidade que está envolvida nos cortiços que a vida na periferia junto do barro amassado, dificuldade no transporte e do medo. Apesar de as vantagens estarem sempre no Centro, morar nele não é uma tarefa simples dentro dos cortiços. Compartilhar o espaço, a vida íntima com tantos outros traz ao dia a dia as mais diversas situações. (KOWARICK, 2016)

Tabela 1
CARACTERÍSTICAS DAS MORADIAS EM CORTIÇOS

	1975	1983	1986	1999	2002	2012
Área média das moradias (m ²)	10,85	11,49	12,10	11,90		12,30
Pessoas por cômodo	3,60	3,71	2,60	2,90		3,10
Área por pessoas (m ² /hab.)	3,10	3,10	4,65	4,10		4,00
Domicílios por imóvel	10,40	18,20	14,30	9,80		9,90
Pessoas por sanitário		22,74	12,30	8,30		14,00
Moradia em único cômodo (%)		91,80		78,00	76,20	71,00
Cômodos sem janelas (%)		10,20	43,70	33,90	18,70	21,00

Fonte: (KOHARA, 2016. p.142).

Partilhar da vida íntima com outras pessoas é uma situação humilhante, e isto representa uma visão quase universal entre os moradores. Como dito acima, em favelas ou regiões periféricas a violência está corriqueiramente presente, o que no

caso dos cortiços, é diretamente trocada pela sensação de humilhação. Quem vive em cortiços tem de estar habituado com fila nos banheiros, brigas, bebedeiras, tumultos, promiscuidade, falta de respeito, falta de privacidade e espaços mínimos. Em suma, tal situação pode ser expressada pela palavra “confusão”. Morar em uma situação como esta e a vergonha que se sente por esta moradia reflete diretamente em uma perda da autoestima e sensação de humilhação.

Em um cortiço temos como configuração o compartilhamento de ambientes com instalação sanitária e, nos ambientes de cunho privado, vivendo diversas pessoas e/ou famílias. A configuração mais comum usada em cortiços é a de vários cômodos distribuídos em torno de um pátio ou corredor. De acordo com o site da prefeitura da cidade de São Paulo, Brasil, cortiços são “*moradias multifamiliares, construídas por uma ou mais edificações em um mesmo lote urbano, subdivididas em vários cômodos alugados, subalugados ou cedidos a qualquer título.*” Existem alguns tipos de cortiços, sendo eles o cortiço de quintal, o cortiço pensão, a casa de cômodos, cortiços improvisados e hotel cortiço.

Fazendo um paralelo com os Falaústérios, citados anteriormente, os espaços de uso coletivo não têm distinção do privado. Partilha-se de um todo com precariedade e insalubridade. No caso dos cortiços o viver coletivo é uma necessidade e não uma proposta ou um conceito, portanto, não tem como cultura, práticas de uma comunidade, e sim, indivíduos ou famílias vivendo coletivamente e partilhando das instalações sanitárias, cozinhas e pátios, sem conexão entre si.

Imagem 2 – Desenho Cortiço

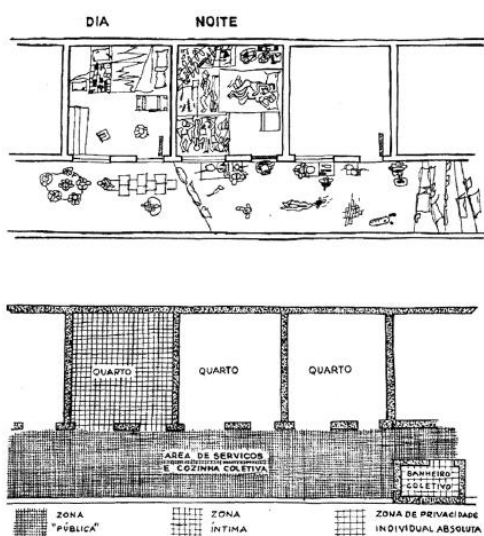
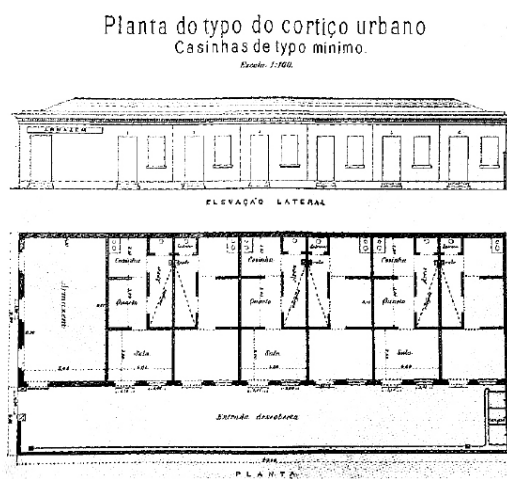


Imagem 3 – Desenho Cortiço



Fonte: SOUZA, 2007. p.34.

Imagem 4 – Cortiço



Imagem 5 - Cortiço



Fonte: O interior de cortiços em São Paulo – Fotografia Fabio Knoll, 2013.⁹

3. Colivings

O mundo contemporâneo e globalizado, onde a informação é compartilhada em tempo real, sem mais barreiras geográficas graças ao advento da internet, propiciou uma cultura de compartilhamento. Compartilhamento de momentos, ideias, serviços, transporte e afins. Tal cultura culminou no início do que chamamos hoje de *Economia Criativa*. O conceito por traz de tal pensamento promove sempre o uso coletivo e o compartilhamento de experiências, consumo e vivências. Neste universo o conceito de Coliving vem de encontro com os ideais. Um *Coliving* é basicamente a prática do morar coletivamente (em grande parte das vezes, moradias de aluguel), compartilhando um imóvel, seja ele uma casa ou apartamento, com espaços privados individuais e áreas comuns como cozinha, sala, escritório, lavanderia e as vezes até o banheiro, compartilhados.

[...] Este modelo na atualidade pretende promover ainda a convivência e possibilitar a troca de experiências tanto pessoais como profissionais entre seus moradores, que em grande parte, são jovens solteiros do grupo conhecido como *Millennials* ou geração Y¹⁰. (NUNES, Denise; VIEIRA, Larissa, 2019. p.1)

Os *Colivings* surgiram como uma derivação das habitações coletivas chamadas de *Cohousing*, conceito desenvolvido na Dinamarca em 1972, tendo sua primeira aplicação em um projeto chamado “*Sættedammen*¹¹”, que são casas que

⁹ Fonte Disponível em < <https://guia.folha.uol.com.br/exposicoes/2013/12/1387315-fotografo-retrata-o-interior-de-corticis-em-sao-paulo-veja-imagens.shtml>>. Acesso em 24 de agosto de 2019.

¹⁰ *Millennials* é o nome dado para a geração de pessoas nascidas entre 1980 e final dos anos 1990. São conhecidos também como “Geração Digital”, “Geração Global” e por fim Geração Y

¹¹ O *Sættedammen*, construído na Dinamarca abrigou a 35 famílias que ansiavam viver em comunidade,

coletivamente compartilham espaços de convivência como por exemplo as refeições, limpeza, promovendo assim, a interrelação entre os vizinhos. O *Cohousing* tem como princípio que para construir uma sociedade mais sustentável o convívio social é um elemento essencial. O Coliving parte da premissa da vida em comunidade passando inclusive por fundamentos que são a comunidade em harmonia com a individualidade, a promoção da aproximação de pessoas e da troca de experiências, o consumo colaborativo, o compartilhamento de residências, economia criativa, divisão de decisões e tarefas. Em resumo, sua história se iniciou com o pensamento do consumo consciente e do coletivo. Por se tratar de um conceito novo, os Colivings ainda estão em um processo de descobrir seu espaço e sua longevidade.

Os Colivings são por regra locais descolados, com boa infraestrutura, não são superpovoados, tem um projeto de interiores pensado de modo a promover interações sociais dentro daquele núcleo comunitário com itens como segurança, mobiliário exclusivo, privacidade, personalização e por fim são espaços que também promovem serviços extras (variam de local para local). A população que habita Colivings é formada em sua grande maioria por uma população mais jovem, mas não fazendo disso uma regra, toda e qualquer pessoa que partilhe da filosofia de morar em uma área individual reduzida e compartilhar momentos do dia a dia está apto para morar em um Coliving.

Cada *Coliving* possui uma característica e especificidade dentro dos ambientes compartilhados, porém com alguns preceitos em comum como por exemplo, lavanderias coletivas, ambiente de trabalho compartilhado para a comunidade local instaurada, banheiros, piscina, academias, salas de estar, praças comuns. Existem *Colivings* que partilham das instalações sanitárias e cozinha, e outros que, além de ter estes itens compartilháveis, também possui uma versão deles mínima dentro das unidades individuais (dormitórios/ estúdios). Geralmente os *Colivings* funcionam pelo aluguel do espaço individual com o compartilhamento dos espaços integrados, as vezes tendo de 1 pessoa habitando sozinha o espaço e as vezes, 5 ou mais, depende do conceito e proposta aplicados no *Coliving* em questão.

Colivings possuem uma população limitada e prevista antes da ocupação do espaço, os espaços são claramente delimitados entre o que é privado e o que é coletivo, existe uma equipe de limpeza cuidando constantemente das áreas de uso coletivo e as vezes

realizando refeições e limpeza de modo coletivo, porém preservando o espaço de moradia como um local privativo.

das áreas privadas também, corredores bem iluminados, instalações elétricas embutidas, com fiação encapada e segura.

Em São Paulo, a construtora “Vitacon” trabalha o conceito do *Coliving* em São Paulo criando o conceito da criação de uma comunidade de moradores, isto é, eles tem como ideia “*encurtar distâncias e reduzir o tempo de transito, simplificar o dia a dia por meio do design, tecnologia e economia compartilhada*”, como dizem em seu site. Com espaços menores, chegando a ter unidades de moradia individual de 10m² por exemplo, e ambientes coletivos em larga escala, o dia a dia se torna mais prático, tirando do morador a necessidade de ter de cuidar da manutenção de um grande espaço. Esta empresa também promove encontros para networking, palestras e eventos onde a comunidade de moradores criada por ela, se conecta.

Fazendo um paralelo com os Falanstérios e com os Cortiços, *Colivings* tem como premissa a vida em comunidade, tal qual os Falanstérios, porém aplicada a sociedade atual, promovendo a vida prática de uma economia criativa e uma vida em comunidade e os moradores vão, por vontade própria e também por uma familiarização com o estilo de vida, morar no local, diferentemente da população nos cortiços que vivem em uma comunidade por necessidade.

Imagem 6 – Kasa Coliving São Paulo – área comum de alimentação



Fonte: Galeria Site Kasa¹²

Imagem 7 – Kasa Coliving São Paulo – Suíte

¹² Fonte disponível em < <http://kasa.com.br/galeria/>> Acesso em 24 de agosto de 2019.



Fonte: Galeria Site Kasa¹³

Imagem 8 – Planta Baixa apto 19m² Vn Chez Frei Caneca



Fonte: Site Iapartamentos Chez VN Frei Caneca¹⁴

¹³ Fonte disponível em < <http://kasa.com.br/solteiro-single-suite/> > Acesso em 24 de agosto de 2019.

¹⁴ Fonte disponível em < https://iapartamentos.com.br/chez-vn-frei-caneca/?gclid=Cj0KCQjwwlPrBRCJARIsAFIVT89BR4A63aT36sEtTM6OyRStDgn-6Yh6_QmrHe9p---wPHy8RYTzWwYaAg2XEALw_wcB > Acesso em 24 de agosto de 2019.

4. O Morar Coletivo

Tabela 2
COMPARATIVO ENTRE MORADIAS

	Espaços Privados	Espaços Coletivos	Objetivos
FALANSTÉRIOS	Dormitórios	Oficinas Cozinhas Áreas de Lazer Lavanderias Áreas de trabalho Banheiros	Ambiente com enfoque na vida em comunidade dentro da filosofia do “Socialismo Utópico”. Proposta de compartilhamento e de coletivismo.
CORTIÇOS	Dormitórios Cozinhas	Dormitórios Banheiros Lavanderias	O direito de morar. Necessidade de moradia por uma população com poucas condições que aceitam condições de exploração e precariedade.
COLIVINGS	Dormitórios Banheiros Cozinha Escritório	Cozinhas Áreas de Lazer Lavanderias Áreas de trabalho Serviços diversos	Espaços de compartilhamento de experiências, network e relacionamentos. Proposta em reflexo da “Economia Criativa”.

Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Como exposto até agora o morar coletivo é uma atividade que vem acompanhando a história relativa ao modo de habitar dos trabalhadores, porém, havendo suas diferenças, as vezes em reflexo da história, as vezes em reflexo de uma filosofia de vida, e as vezes em reflexo do momento em que se está na história. Ignorando as diferenças práticas, tanto em um falanstério, como em um cortiço, como em um *coliving* o morador iria morar em um espaço privado e compartilhar com uma comunidade de pessoas espaços coletivos. O que os diferencia em princípio, no conceito do espaço e também na proposta de moradia é, em primeiro momento seu propósito de ser, isto é, em um Falanstério, a partir da utopia de uma sociedade igualitária, no *Coliving*, os moradores decidem morar por escolha e por familiarização ao estilo de vida e conceito praticado nestes tipos de moradia, de principalmente, viver em comunidade coletivamente, já em cortiços isto é imposto por uma situação de necessidade em função de inúmeros fatores que não cabe neste texto argumentar.

Basicamente, em um se tem a escolha de moradia em reflexo a uma filosofia e no outro, não há outra opção, por se tratar de uma moradia de necessidade. Conforme a Tabela apresentada acima, podemos refletir sobre alguns paralelos entre cada modelo de moradia coletiva, pontos em que podem servir de exemplo entre si para talvez promover uma melhor qualidade de moradia para aqueles que não possuem outra opção, ou uma compreensão de como, ou se é possível realizar de fato uma concentração maior de pessoas por metro quadrado sem haver prejuízos de convivência e ainda assim manter a individualidade e privacidade no espaço.

Qual a possibilidade, dentro do contexto político e social de hoje promover paralelos entre estes espaços expostos para que consigamos promover uma cidade mais inclusiva e salubre? Imagine, tal qual talvez os “socialistas utópicos” imaginavam em sua época uma sociedade mais inclusiva e mais justa para com todos, o que fez Fourier criar sua sociedade utópica dentro dos Falanstérios, uma São Paulo com seus cortiços transformados em *Colivings sociais* com propostas públicas de promoção da convivência e da coletividade, promovendo nesses espaços atividades culturais, educacionais de alfabetização e profissionalização, e a utilização dos equipamentos públicos disponíveis na cidade.

O projeto de Lei do Plano Municipal da cidade de São Paulo número 619/16 discorre na Seção II quanto ao Abrigamento Transitório em Imóveis Alugados. Nesta seção a lei promove basicamente uma política pública de moradia transitória para aqueles que não conseguem ainda se enquadrar nos parâmetros de programas públicos de moradia em vigor. Seria talvez o conceito de *Coliving Social* um adendo a para esta proposta de lei para que se possa promover uma qualidade de vida para aqueles que não possuem outra opção de moradia? Talvez com este conceito e com a proposta de uma política pública da promoção de um estilo de vida diferente para essa população, isto promoveria um aumento de estima dos moradores, quebrando assim também com diversos estigmas sociais históricos para com toda a sociedade. Caso tal ideia fosse colocada em prática, teríamos uma cidade mais inclusiva, coletiva e com o sentimento de comunidade, o que seria por si só, um agente transformador natural do espaço, trazendo assim um centro novo e revitalizado para São Paulo.

5. Considerações Finais

Considerando que infelizmente ainda hoje vivemos na cidade de São Paulo um abismo social que compromete muito o direito de morar e cria situações de conflito constante no centro, precisamos promover “pensadores utópicos” tal qual Fourier foi em seu tempo ao refletir sobre o contexto em que estava vivendo para que enfim consigamos criar uma “proposta científica”, tal qual Marx e Engels o fizeram, com uma solução prática para uma situação de insalubridade e exploração da população dos cortiços. Este trabalho fez um paralelo para tentar, ainda que no campo da utopia, propor um princípio de reflexão e solução para tal. Ainda que haja muito a se desenvolver e discorrer sobre o assunto, fica aqui o anseio de que possamos a partir dos Falanstérios, modificar os cortiços e transformá-los em Colivings sociais promovendo uma sociedade mais justa e colaborativa com menos segregação e mais coletividade. Partindo da premissa da coletividade e do pensamento em comunidade, tal qual os Falanstérios o fizeram em sua utopia e os *Colivings* o fazem em sua prática, podemos propor não a exclusão dos Cortiços como muitas políticas públicas tentam fazer, pois isto não resolveria a questão prática de uso do centro, e sim a transformação dos Cortiços, não somente física em prol de uma salubridade e qualidade de vida para seus usuários, mas também conceitual, isto é, os transformar em *Colivings Sociais*.

6. Referências

- BARROS, Jose D’Assunção; **Os falanstérios e a crítica da sociedade industrial: revisitando Charles Fourier**. In: Mediações. Londrina, v.16, p.239-255, Jan/jun 2011
- SOUZA, Maria Dias de; **[Des]interesse social: procedimentos metodológicos para análise de peças gráficas de apartamentos**. Tese de Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo. USP, São Carlos, 2007.
- NUNES, Denise Viana; VIEIRA, Larissa Tavares. **MODOS DE HABITAR A CIDADE CONTEMPORÂNEA: Moradia compartilhada e colaborativa**. Tese de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano-Regional. ENANPUR, Natal, 2019.
- BAUMAN, Z.; **Tempos líquidos**. Cidade: EDITORA ZAHAR, 2007.

KOHARA, Luiz; **A Exploração nos cortiços do Centro e a Luta pelo Direito de Morar Dignamente.** In: KOWARICK, Lucio; JR., Heitor Frúgoli. Pluralidade Urbana em São Paulo, vulnerabilidade marginalidade, ativismos. p.141 à p.170. Editora 34, São Paulo, 2016.

KOWARICK, Lucio; **Cortiços: reflexões sobre humilhação, subalternidade e movimentos sociais.** In: KOWARICK, Lucio; JR., Heitor Frúgoli. Pluralidade Urbana em São Paulo, vulnerabilidade marginalidade, ativismos. p.171 à p.193. Editora 34, São Paulo, 2016.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo; **Segregação e alteridade na metrópole: novas e velhas questões sobre cortiços em São Paulo.** In: KOWARICK, Lucio; JR., Heitor Frúgoli. Pluralidade Urbana em São Paulo, vulnerabilidade marginalidade, ativismos. p.171 à p.193. Editora 34, São Paulo, 2016.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade.** Tradução de Silvia Maza. 6.Ed. PERSPECTIVA, 2017.

Site Significados. **Significado do Homo sapiens.** Disponível em: <<https://www.significados.com.br/homo-sapiens/>>. Acesso em: 27 de agosto de 2019.

Site Prefeitura de São Paulo. **Cortiços no Município de São Paulo.** Disponível em: <<http://dados.prefeitura.sp.gov.br/dataset/corticoss>>. Acesso em: 27 de agosto de 2019.

Site Guia Folha de São Paulo. **Fotógrafo retrata o interior de cortiços em São Paulo;** Disponível em: <<https://guia.folha.uol.com.br/exposicoes/2013/12/1387315-fotografo-retrata-o-interior-de-corticoss-em-sao-paulo-veja-imagens.shtml>>. Acesso em: 27 de agosto de 2019.

Blog Archtrends Portobello. **Co-living: vidas e casas compartilhadas.** Disponível em: <<https://archtrends.com/blog/co-living-vidas-e-casas-compartilhadas/>>. Acesso em: 27 de agosto de 2019.

Site Estadão. **Moradia compartilhada ganha impulso em São Paulo com novos prédios e startup.** 2019. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/blogs/radar-imobiliario/moradia-compartilhada-ganha-impulso-em-sp/>>. Acesso em: 27 de agosto de 2019.

FURLANI, Bruna; POMPEU, Lauriberto. **Habitação colaborativa para idosos é tendência internacional.** Site Estadão. 2019. Disponível em: <<https://infograficos.estadao.com.br/focas/planeje-sua-vida/habitacao-colaborativa-para-idosos-e-tendencia-internacional>>. Acesso em: 27 de agosto de 2019.

Site Wikihaus. **COLIVING: UMA TENDÊNCIA URBANA EM COMPARTILHAMENTO DE MORADIAS.** 2016. Disponível em: <<https://wikihaus.com.br/blog/coliving-uma-tendencia-urbana-em-compartilhamento-de-moradias/>>. Acesso em: 27 de agosto de 2019.

Site WeLive. Disponível em: <<https://www.welive.com/>>. Acesso em: 27 de agosto de 2019

Site The Collective. Disponível em: <<https://www.thecollective.com/locations/old-oak>>. Acesso em: 27 de agosto de 2019

Site The Common. Disponível em: <<https://www.common.com/>>. Acesso em: 27 de agosto de 2019

Site Vitacon. Disponível em: <<https://vitacon.com.br/>>. Acesso em: 27 de agosto de 2019

Site Kasa. Disponível em: <<http://kasa.com.br/>>. Acesso em: 27 de agosto de 2019

Site Iapartamentos. Disponível em: <https://iapartamentos.com.br/chez-vn-frei-caneca/?gclid=Cj0KCQjwwIPrBRCJARIsAFIVT89BR4A63aT36sEtTM6OyRStDgn-6Yh6_QmrHe9p---wPHY8RYTzWwYaAg2XEALw_wcB>. Acesso em: 27 de agosto de 2019